



## **UMA POSSIBILIDADE DE DOCÊNCIA FILOSÓFICA BASEADA NA TEORIA FINKIANA**

**Autor :Eduardo Gomes Favaro\*<sup>1</sup>**

**Co-autores: Douglas Giovani Ezequiel<sup>2</sup>**

**Guilherme Henrique da Silva<sup>3</sup>**

**Orientador: Francisco Sales Alves<sup>4</sup>**

Eixo temático: Docência e Formação de Professores.

II EnlicSul – Encontro de Licenciaturas da Região Sul

II Pibid/Sul – Práticas de iniciação à docência na região sul: enfoques, avaliação e perspectivas

II Seminário Institucional Pibid/Unisinos

### **Comunicação Científica de Iniciação à Docência**

**Resumo:** Dentro das instituições de ensino do Brasil, tornou-se obrigatório o ensino da disciplina de filosofia. Junto com essa obrigação, vieram muitos problemas que tornaram, quase que em muitas aulas, o filosofar como algo impossível, fazendo com que a matéria a ser ensinada se tornasse dispensável. Esse cenário, muitas vezes pode acabar desmotivando um professor novo. Mas são problemas que podem ser sanados com um professor ciente de que seus alunos já realizam o filosofar, só que com os objetos que lhes interessam, e assim ele irá trabalhar dentro desses contextos, fazendo com que o filosofar seja desenvolvido constantemente e colocado em um alto grau de importância.

---

<sup>1</sup> Graduando de Filosofia na Universidade Estadual de Londrina-UEL. edugomes17@hotmail.com.

<sup>2</sup> Graduando de Filosofia na Universidade Estadual de Londrina-UEL. douglas.giovani@outlook.com.

<sup>3</sup> Graduando de Filosofia na Universidade Estadual de Londrina-UEL. guilhermesilvv@yahoo.com.

<sup>4</sup> Mestre em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas-PUCAMP. srminerva@yahoo.com.br



## **Introdução:**

Dentro do ensino de filosofia nos colégios de ensino médio se realiza uma pergunta que de certa forma é preocupante. Como se ensinar filosofia no ensino médio? Isso ocorre pois: muitas vezes professores não qualificados atuam dentro das salas de aula de filosofia, também pelo fato que os professores da disciplina subestimam os alunos como não possuidores da possibilidade do filosofar, e principalmente pela falta de noção de o que se deve ensinar em uma aula de filosofia.

O governo, em busca do desenvolvimento de um espírito crítico nos alunos, por meio da LDB, incluiu como obrigatório o ensino da disciplina de filosofia (BARBOSA, 2008). Acontece que essa lei não foi rigorosamente analisada antes de ser colocada em vigor. Um dos problemas dessa inclusão foi que não apenas professores graduados ou graduandos na disciplina pudessem dar as aulas, resultando em aulas ministradas por professores não habilitados (BARBOSA, 2005). Apenas professores de filosofia que tem a licenciatura passaram por disciplinas que ensinam e dão bases de como se deve aplicar o filosofar para alunos do ensino médio. As tentativas de abordagens mais clássicas daqueles que não tiveram uma reflexão sobre o ensino de filosofia são, desde históricas, até temáticas, que além de não permitirem o desenvolvimento de um pensamento filosófico, o professor ainda corre o risco de banalizar a filosofia (BARBOSA, 2008). Não que um professor com licenciatura não cometa esses enganos, mas o docente sem preparo sofre muito mais, e dessa forma, também a filosofia. O contexto histórico em que atualmente nos inserimos também dificulta o ensino. O professor sente dificuldade em despertar em seus alunos a vontade de se praticar a filosofia, isso devido a um mundo onde se valoriza muito mais os conhecimentos técnicos do que qualquer outro (BARBOSA, 2008). Essa afirmação também é feita por Fink, que diz que somos habituados a buscar verdades nas ciências, e assim, dando outras funções a filosofia (FINK, 2011). Isso faz com que muitas vezes os docentes acreditem que o aluno não tem capacidade ou vontade para o indagar filosófico.

Assim, professores novos de filosofia se sentem desmotivados diante tantos problemas, e também perdidos, sem referencial para uma aula filosófica, se questionando



o que fazer. Por isso, com o auxílio da análise de Barbosa e Fink, será demonstrado como realizar uma aula de filosofia, e porque ela é mais fácil de ser dada do que se imagina.

“Mas então como fazer esses alunos filosofarem?”, muitas vezes perguntam-se os jovens professores. Para Fink, eles já filosofam, assim como todo ser humano, porém, muitas vezes sem estarem cientes disso, ou até de maneira efêmera. Além disso, Fink afirma que assim como Platão fez, deve-se despertar o filosofar (FINK, 2011), pois esse nunca morre, só fica desacordado, e quando o despertamos de maneira firme, a atividade filosófica se torna frequente. E essa afirmação é valiosa pois mesmo com alguns desses problemas citados anteriormente, é sempre importante lembrar que os alunos são jovens, e segundo (BARBOSA, 2008), “cheios de vida e energia”, que se usadas da forma certa fazem com que se alavanque a vontade do filosofar sincero, pois viver leva a experiências e questionamentos, e assim como cita Fink, essas dúvidas, mesmo que por breves segundos, assim como um relâmpago, levam a um filosofar (FINK, 2011). O homem está sempre colocando em evidência os seus problemas, que ao serem analisados tornam-se filosofia, e por não existir um tema exato do filosofar, todas as dúvidas são importantes e filosóficas (FINK, 2011). Esse apontamento de Fink mostra que todos humanos tem a capacidade de filosofar, e com as ferramentas certas, essa ação se desenvolve cada vez mais (FINK, 2011). Quem pode auxiliar esse desenvolvimento filosófico dos alunos em uma sala de aula é o professor qualificado, que fará com esses pequenos questionamentos feitos pelos jovens, que são breves fagulhas de filosofia, sejam transformadas em chamas. Os jovens definitivamente não devem entrar contato com uma filosofia já ultrapassada (BARBOSA, 2008), pois essa muitas vezes poderá não despertar interesse. Dessa forma o autor irá afirmar que “É imprescindível que, portanto, que os professores façam da filosofia o que ela realmente deve ser: um estudo vivo, estimulante, criativo e crítico” (BARBOSA, 2008). Esse que deve se basear no ambiente social desses jovens (BARBOSA, 2008), pois só assim será realmente colocado em dúvida as questões que os interessam, e principalmente, de forma devidamente filosófica.

Assim, com base no que foi dito antes, os alunos do ensino médio não só têm a capacidade de realizar o filosofar, eles já o fazem, mesmo que de maneira rápida. A



presença de um professor qualificado por um curso de licenciatura em filosofia, é essencial para que se potencialize ainda mais essas ocorrências, e que dentro das aulas também ocorra o filosofar e se desenvolvam as habilidades da atividade filosófica. A qualificação é também importante para que as aulas de filosofia não tornem-se algo maçante, sem brilho e utilidade.

### **PALAVRAS-CHAVE: ENSINO. FILOSOFIA. PROBLEMA.**

**Objetivo:** O objetivo desse trabalho é apontar quais são os problemas mais comuns enfrentados pelo ensino da disciplina filosófica no contexto atual, e levar para novos professores de filosofia a proposta de como realizar uma aula nesse mesmo cenário baseando-se na teoria Finkiana, e nos apontamentos de Barbosa.

**Referencial teórico:** Obras filosóficas que tratam sobre o ser humano e a sua capacidade de filosofar, e artigos sobre o atual cenário do ensino de filosofia no Brasil, que apontam uma possível didática para a prática filosófica.

**Metodologia:** Foi utilizado o método de pesquisa literária de obras e artigos.

**Análise de dados:** Dentro do questionamento de como se ensinar filosofia no ensino médio, por meio de Fink e Barbosa se percebeu uma necessidade de se atentar a alguns detalhes de que, os alunos por serem humanos já fazem filosofia, e que deve-se atentar aos temas que lhes interessam. Observou-se também a falta de preparo dos professores que não são possuem qualificação filosófica, o que dificulta esse ensino, principalmente pelo fato de que estes cometem ainda mais vezes o engano de tentarem ensinar filosofia abstraindo o filosofar, colocando a filosofia em situações constrangedoras.

**Resultados alcançados (ou esperados):** O resultado dessa pesquisa é o de que deve-se atentar aos fatos de que: os professores de filosofia devem conscientizar-se dos problemas filosóficos já presentes na mente dos alunos, desenvolvendo nesse mesmo quadro a capacidade do filosofar, destacando dessa maneira a importância de que a didática dentro de uma aula de filosofia não pode se esquecer de realizar a ação filosófica,



que é naturalmente possível, pois só assim a filosofia voltará a ser valorizada enquanto disciplina pelos alunos, que virão a praticá-la com frequência e desenvoltura.

### Referências:

FINK, EUGEN. *Fenomenos fundamentales de la existencia humana*. Traducción de Cristobal Holzapfel. Revista Observaciones Filosóficas: Libros y Recensiones, 2011.

BARBOSA, C. *A filosofia no ensino médio e suas representações sociais*. 2005. 181 f. Tese de Doutorado em Educação. Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói, RJ. 2005.

BARBOSA, C. . *Didática E Filosofia No Ensino Médio: Um Diálogo Possível*. Educação Unisinos, São Leopoldo-RS v. 12, n. 2, p 133-142, 2008.